



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 3

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-905-9

DOI 10.22533/at.ed.059211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O PIBID COMO MEIO DE FORMAÇÃO E INSERÇÃO DE TEMAS LIGADOS A DIVERSIDADE CULTURAL	
Pedro Luiz Teixeira de Sena Tallita Erthal de Oliveira Thiago Gonçalves Carminte	
DOI 10.22533/at.ed.0592119031	
CAPÍTULO 2	10
UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS E A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA	
Carolina Bitencourt Becker	
DOI 10.22533/at.ed.0592119032	
CAPÍTULO 3	23
OS DESAFIOS DO PEDAGOGO DIANTE DE ALGUMAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA, NOS ANOS INICIAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Elisangela Leite Gavenda Maralice Maschio	
DOI 10.22533/at.ed.0592119033	
CAPÍTULO 4	39
OS DESAFIOS QUE A BNCC DO ENSINO MÉDIO TRAZ PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: OUVINDO PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL	
Tuca Henrique Verçosa Carneiro de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.0592119034	
CAPÍTULO 5	51
PRÁTICA DOCENTE E ENSINO: O USO DO ESPAÇO DE MEMÓRIA DO <i>CAMPUS</i> DIANÓPOLIS PARA ENSINAR HISTÓRIA	
Michelle Melo Póvoa Debora Ribeiro Pereira Jorge Luís de Medeiros Bezerra, Antonio Guanacuy Almeida Moura	
DOI 10.22533/at.ed.0592119035	
CAPÍTULO 6	56
OS LIVROS DE HISTÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II: REPRESENTAÇÃO E HOMOGENEIZAÇÃO DOS NEGROS (1914-1925)	
Cristina Ferreira de Assis Rhadson Rezende Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119036	
CAPÍTULO 7	68
SONHAR WAKANDA: REFLEXÕES SOBRE A ÁFRICA EM SALA DE AULA	
Marcia Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.0592119037	

CAPÍTULO 8	76
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL NAS PÁGINAS DA REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO: RETRATO DE NARRATIVAS EM DISPUTA	
Silene Ferreira Claro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119038	
CAPÍTULO 9	89
RELATOS DE VIAGEM: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS NA HISTÓRIA DA ÁFRICA OCIDENTAL PRÉ-COLONIAL	
Lucas Aleixo Pires dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.0592119039	
CAPÍTULO 10	96
HISTÓRIA DO BRASIL = DESIGUALDADES SOCIAIS ESTRUTURAL POR COR OU RAÇA	
Valdeir de Oliveira Prestes	
Heitor Flores Lizarelli	
DOI 10.22533/at.ed.05921190310	
CAPÍTULO 11	107
COLEÇÕES DO ARQUIVO PÚBLICO DE ITABIRITO: RELEVÂNCIA PARA A PESQUISA	
Marcelle Rodrigues Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05921190311	
CAPÍTULO 12	127
A UTILIZAÇÃO DO PERIÓDICO COMO FONTE HISTÓRICA	
Dayane Cristina Guarnieri	
DOI 10.22533/at.ed.05921190312	
CAPÍTULO 13	135
IMPRENSA COMO FONTE E AGENTE HISTÓRICO: USOS D'A <i>MATUTINA MEYAPONTENSE</i> PARA UMA HISTORIOGRAFIA DA DECADÊNCIA	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.05921190313	
CAPÍTULO 14	149
O FIM DO SEGREDO: TUDO O QUE DEPENDER DO SIGILO PARA EXISTIR IRÁ ACABAR	
Cesar Palmieri Martins Barbosa	
Ricardo Kubrusly	
Miriam Abduche Kaiuca	
DOI 10.22533/at.ed.05921190314	
CAPÍTULO 15	157
A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE COMPUTACIONAL PARA A LITERATURA GENERATIVA: REFLEXÕES SOBRE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA <i>CIBERLITERATURA</i>	
Thalita Biazuz Veronese	
DOI 10.22533/at.ed.05921190315	

CAPÍTULO 16.....	163
A VARIEDADE EPISTEMOLÓGICA NA PESQUISA DO CIENTISTA VITAL BRASIL: UMA ARTICULAÇÃO COM AS CINCO TESES DE CESAR LORENZANO PARA A HISTÓRIA DA CIÊNCIA	
Waldemar Menezes Canalli	
Rildo Pereira da Silva	
Tereza Luzia de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.05921190316	
CAPÍTULO 17.....	170
DUAS HISTÓRIAS INDISCIPLINADAS PARA REPRESENTAR DIFERENTES ABORDAGENS DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA: O CABO MIDI E A EDIÇÃO NÃO LINEAR DE VÍDEO	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.05921190317	
CAPÍTULO 18.....	181
COZINHAS DE ESCRAVOS: COMIDA, SABORES E TRABALHO NO BRASIL	
Lorena da Conceição Querino Muchinski	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.05921190318	
CAPÍTULO 19.....	191
O IMIGRANTE ARABE E SUA COZINHA COMO INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO E IDENTIDADE NA ATUALIDADE	
Alfredo Ricardo Abdalla	
DOI 10.22533/at.ed.05921190319	
CAPÍTULO 20.....	201
ALIMENTAÇÃO E HOSPITALIDADE NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA A PARTIR DE NARRATIVAS DE VIAGENS	
Everton Luiz Simon	
DOI 10.22533/at.ed.05921190320	
CAPÍTULO 21.....	222
O CAFÉ RUY E O RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
Eliza Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.05921190321	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	235
ÍNDICE REMISSIVO.....	236

ALIMENTAÇÃO E HOSPITALIDADE NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA A PARTIR DE NARRATIVAS DE VIAGENS

Data de aceite: 01/03/2021

Everton Luiz Simon

Doutor em História no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS; Bolsista CAPES-PROSUC; Professor e coordenador do curso de Gastronomia da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

RESUMO: Neste texto buscou-se compreender as representações sobre as práticas alimentares e as demonstrações de hospitalidade dos habitantes da Província do Rio Grande do Sul formuladas por quatro viajantes europeus, dois franceses e dois alemães, a saber, Nicolau Dreys, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Seidler e Robert Avé-Lallemant, que percorreram diferentes regiões desta província, no período que se estende de 1817 a 1858. De Auguste de Saint-Hilaire, analisaremos a obra “Viagem ao Rio Grande do Sul”, publicada pela editora Itatiaia/Edusp, em 1999; de Nicolau Dreys, “Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul”, publicada pela editora Nova Dimensão/EDIPUCRS, em 1990; de Carl Seidler, “Dez anos no Brasil”, publicada pela editora Itatiaia/Edusp, em 1980, e de Robert Avé-Lallemant, a obra “Viagem pela província do Rio Grande do Sul”, publicada pela editoria Itatiaia/Edusp, em 1980. Para analisá-las, recorreremos à metodologia da Análise Textual Discursiva, proposta por Roque Moraes e Maria do Carmo

Galiazzi, que propõem, a partir de leituras detalhadas do corpus textual, a fragmentação dos elementos relacionados com o objeto de estudo, para, na sequência, proceder à reconstrução dos fragmentos textuais, estabelecendo as relações com base em critérios de semelhança e diferença, favorecendo, desta forma, uma visão renovada e um novo entendimento dos fenômenos e discursos investigados. A análise dos relatos produzidos por estes viajantes permitiu identificar e discutir as formas de bem receber por eles registradas e a relação estabelecida entre a oferta de determinados alimentos e a hospitalidade, bem como o processo de construção de representações sobre o comer e o bem receber no Rio Grande do Sul oitocentista.

PALAVRAS - CHAVE: História da Alimentação do Rio Grande do Sul. Práticas alimentares. Viagens e Viajantes. Representações. Hospitalidade.

ABSTRACT: In this paper, we sought to understand the representations of eating practices and the demonstrations of hospitality of the inhabitants of the Province of Rio Grande do Sul formulated by four European travelers, two French and two Germans, namely, Nicolau Dreys, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Seidler and Robert Avé-Lallemant, who traveled through different regions of this province, from 1817 to 1858. From Auguste de Saint-Hilaire, we will analyze the work “Viagem ao Rio Grande do Sul”, published by the publisher Itatiaia / Edusp , in 1999; Nicolau Dreys, “Descriptive news from the Province of Rio Grande de São Pedro do Sul”, published by Nova Dimensão / EDIPUCRS, in 1990; by Carl Seidler,

“Ten years in Brazil”, published by the publisher Itatiaia / Edusp, in 1980, and by Robert Avé-Lallemant, the work “Journey through the province of Rio Grande do Sul”, published by the editorial office Itatiaia / Edusp, in 1980 To analyze them, we use the methodology of Discursive Textual Analysis, proposed by Roque Moraes and Maria do Carmo Galiazzi, who propose, from detailed readings of the textual corpus, the fragmentation of the elements related to the object of study, for, in the sequence, proceed to the reconstruction of the textual fragments, establishing the relations based on criteria of similarity and difference, favoring, in this way, a renewed vision and a new understanding of the investigated phenomena and discourses. The analysis of the reports produced by these travelers allowed to identify and discuss the forms of hospitality registered by them and the relationship established between the offer of certain foods and hospitality, as well as the process of building representations about eating and welcoming in the 19th century Rio Grande do Sul.

KEYWORDS: History of Food in Rio Grande do Sul. Food practices. Travel and Travelers. Representations. Hospitality.

INTRODUÇÃO

A circulação de viajantes estrangeiros no território brasileiro durante o período colonial, especialmente até o século XVIII, foi muito restrita. Nesse período, Portugal mantinha o controle do acesso ao território brasileiro e proibia a entrada de estrangeiros como forma de reter, apenas para si, o máximo de informações sobre os potenciais e as riquezas da colônia e de conter as eventuais pretensões sobre suas terras. (LEITE, 1996; MÉRIAN, 2016). Essa circulação esteve vedada, principalmente, aos viajantes estrangeiros que não tinham interesses ou ligações com a Coroa Portuguesa e/ou a Igreja, devido à “política comercial expansionista” e à prática exclusivista de “exploração adotada por Portugal” ainda nos primeiros séculos da colônia. (LEITE, 1996. p. 41).

Em razão desse controle, o Brasil manteve-se, por muito tempo, “pouco conhecido, com exceção da sua orla marítima que, pela contingência da navegação e situação portuária, foi esporadicamente visitado e estudado”, como salientou Miriam Moreira Leite (1997, p. 141). A mudança da corte para o Brasil, em 1808, de acordo com Amaral, “possibilitou e provocou uma série de mudanças tanto em sua organização interna, quanto nas políticas com as nações estrangeiras”. (AMARAL, 2003, p. 114). A curta permanência da Corte portuguesa em Salvador foi importante, sendo que uma das mais relevantes medidas tomadas pelo príncipe português foi a abertura dos portos às nações amigas, através da promulgação da Carta Régia, em 28 de janeiro de 1808. (ALGRANTI, 1993; LEITE, 1996; LEITE, 1997; LISBOA, 1997; BELLUZZO, 1999; PICCOLLI, 2009; PÊRA, 2009). Sob essa medida, é importante destacar que “abertura dos portos foi de grande importância para o desenvolvimento do país, pois ampliou as relações, introduziu gente e ideias novas”. (ALGRANTI, 1993, p. 28-29) fazendo surgir outros hábitos e costumes a partir do significativo número de estrangeiros que visitavam o país com objetivos variados.

Valéria Piccoli (2009), por sua vez, destaca que o decreto de abertura dos portos

também revogou a proibição de entrada de estrangeiros no país, norma que vigorou por, aproximadamente, trezentos anos. Os portos brasileiros, principalmente o do Rio de Janeiro, ficaram mais movimentados, sendo perceptíveis as constantes movimentações de estrangeiros, algo inimaginável antes da abertura dos portos. (LEITE, 1996). Além disso, a política de acolhimento e incentivo à chegada de missões científicas adotada pelo Governo possibilitou a crescente movimentação de viajantes pelos portos do Brasil.

Os estrangeiros que passaram a circular em maior número vinham de diversas regiões do mundo, “do Oriente, da América do Norte e Central, das Ilhas Mediterrâneas, da África, da Ásia e, também, da Europa”. (LEITE, 1996, p. 45). Em meio à profusão das nacionalidades, destacavam-se, conforme Lisboa, os ingleses, devido aos privilégios comerciais que desfrutavam com o Brasil, resultantes do Tratado de 1810, e da significativa influência que passaram a exercer em termos econômicos e culturais. (LISBOA, 1997). Consecutivamente a esta circulação de estrangeiros por várias províncias da América portuguesa, teve início a produção de uma série de narrativas “sobre o Brasil, escritas por viajantes de várias procedências, engajados ou não em missões científicas, e que se propunham a estudar o País e a interpretá-lo para o resto do mundo”. (LEITE, 1996, p. 45).¹

Neste texto nos detemos nas representações sobre as práticas alimentares e sobre as demonstrações de hospitalidade dos habitantes da Província do Rio Grande do Sul formuladas por quatro viajantes europeus, dois franceses e dois alemães, a saber, Nicolau Dreys, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Seidler e Robert Avé-Lallemant, que percorreram diferentes regiões desta província, no período que se estende de 1817 a 1858². De Auguste de Saint-Hilaire, analisaremos a obra “*Viagem ao Rio Grande do Sul*”, publicada pela editora Itatiaia/Edusp, em 1999; de Nicolau Dreys, “*Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*”, publicada pela editora Nova Dimensão/EDIPUCRS, em 1990; de Carl Seidler, “*Dez anos no Brasil*”, publicada pela editora Itatiaia/Edusp, em 1980, e de Robert Avé-Lallemant, a obra “*Viagem pela província do Rio Grande do Sul*”, publicada pela editora Itatiaia/Edusp, em 1980.

Para analisá-las, recorreremos à metodologia da Análise Textual Discursiva, proposta por Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi, que propõem, a partir de leituras detalhadas do *corpus* textual, a fragmentação dos elementos relacionados com o objeto de estudo, para, na sequência, proceder à reconstrução dos fragmentos textuais, estabelecendo as relações com base em critérios de semelhança e diferença, favorecendo, desta forma, uma visão renovada e um novo entendimento dos fenômenos e discursos investigados.

A análise dos relatos produzidos por estes viajantes permitiu identificar e discutir

1 Vale lembrar que em suas viagens, os viajantes observaram, descreveram e classificaram o mundo social, “refletindo, por comparação, sobre a vida cotidiana do grupo visitado, tomando consciência das dificuldades para a compreensão desse grupo”. (LEITE, 1997, p.15).

2 Este texto contempla aspectos abordados em minha tese de doutorado, intitulada “Do garfo à pena: uma história da alimentação do Rio Grande do Sul a partir de relatos de viajantes oitocentistas (1817-1858)”, orientada pela Prof^a Dr^a Eliane Cristina Deckmann Fleck, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

as formas de bem receber por eles registradas e a relação estabelecida entre a oferta de determinados alimentos e a hospitalidade, bem como o processo de construção de representações sobre o comer e o bem receber no Rio Grande do Sul oitocentista. O texto está organizado em dois tópicos, sendo que, no primeiro, apresentamos os viajantes europeus que estiveram no Rio Grande do Sul durante o período analisado e as obras que resultaram destas viagens, e, no segundo, compartilhamos a análise das diferentes visões que estes europeus tiveram sobre as práticas alimentares e as demonstrações de hospitalidade dos habitantes desta Província no século XIX.

AS VIAGENS DE NICOLAU DREYS, AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE, CARL SEIDLER E ROBERT AVÉ-LALLEMANT PELO INTERIOR DA PROVÍNCIA

Ao longo de todo o século XVIII, as viagens de naturalistas tornaram-se frequentes, pois os Estados europeus incentivavam o conhecimento das “condições geográficas e climáticas dos territórios coloniais com o objetivo de incrementar a exploração” [...] “suas descrições, assim como as de todos os viajantes que passavam pela América, serviam para alimentar a curiosidade europeia pelo inusitado e exótico”. (FLECK, 2006, p. 292). Desde o século XVII, funcionários, padres, engenheiros, militares, tropeiros e aventureiros cruzaram o território do extremo sul da América portuguesa a fim de levantar informações sobre a geografia, a natureza e os habitantes da região, a fim de descrever as riquezas da terra e suas potencialidades. (FLECK, 2006, p. 279).

Mas foi ao longo do século XIX que a Província do Rio Grande do Sul passou a ser um destino frequente para viajantes estrangeiros, inseridos em um novo momento da exploração dos territórios coloniais americanos pelas nações europeias. (BARRETO, 1976; FLECK, 2006). Entre os viajantes europeus que estiveram no Rio Grande do Sul, no século XIX, se encontravam franceses e alemães. Os primeiros estiveram, segundo Fleck (2006, p. 296), empenhados na “busca de maior contato com a natureza, da qual se sentiam banidos” em seus locais de origem, organizando suas expedições a partir de “critérios de cientificidade e de utilidade [que] vigoravam nos meios oficiais e acadêmicos”, razão pela qual seus relatos são marcados por uma “retórica utilitarista”. Já os alemães, de acordo com Zubaran (1999, p. 21), foram, em sua maioria, oficiais, que se deslocaram para a região devido às guerras com as repúblicas do Prata e ao processo de colonização alemã. Muitos deles se encarregaram de, através de seus relatos, construir certas imagens sobre o extremo sul da América portuguesa que viriam a ser difundidas entre aqueles interessados em emigrar.

Na continuidade, reconstituímos brevemente a biografia dos quatro viajantes que selecionamos, reconstruímos os itinerários de suas viagens e apontamos para suas condições e motivações, bem como apresentamos as obras que resultaram de suas expedições ao extremo sul do Brasil.

Nicolau Dreys foi, dentre os viajantes franceses, o primeiro a percorrer o atual estado

do Rio Grande do Sul. São poucas as informações que se tem a seu respeito. Sabe-se que nasceu em 21 de julho de 1781, em Nancy, região Nordeste da França. Da Silva, em seu Dicionário bibliográfico, o apresenta como um homem estudioso e inserido em diversos ramos científicos e literários. Tanto Barreto (1976), quanto Flores (1990) e Noal Filho e Franco (2004) destacam que Dreys serviu como militar³ e funcionário público. Ao chegar ao Brasil, em 1817, acompanhado de sua esposa e de sua filha, estabeleceu-se, inicialmente, como comerciante no Rio de Janeiro, mudando-se, posteriormente, para Porto Alegre, onde exerceu atividades comerciais até 1825, quando seguiu para a cidade de Rio Grande, onde permaneceu até 1827. (MARTINS, 2008). Nos anos de 1827-1828 viveu em Santa Catarina, e, em 1829, mudou-se para Iguape, em São Paulo, lá permanecendo até 1837. Neste ano, instalou-se, definitivamente no Rio de Janeiro, onde veio a falecer em 23 de janeiro de 1843. (BARRETO, 1976).

Durante os dez anos em que esteve no Rio Grande do Sul, o viajante testemunhou uma série de acontecimentos ocorridos na província neste período. Como resultado de suas experiências e impressões, o viajante publicou, em 1839,⁴ o livro “*Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*”, que “além da topographia physica e política”, apresenta ensaios sobre a “estatística local”, sobre as subdivisões da província e as características da população sul-rio-grandenses daquele período. A obra está organizada em três capítulos, sendo que, no primeiro, o viajante apresenta as características geográficas da província; no segundo, o autor se detém na descrição das particularidades da organização territorial e econômica, e, no terceiro, contempla aspectos sociais e culturais da província. O viajante tece, ainda, comentários sobre o “caráter e costumes dos habitantes”, chamando a atenção a forma elogiosa com que se refere aos habitantes da província do Rio Grande do Sul.

Auguste François César Prouvensal de Saint-Hilaire nasceu em Orleans, região central da França, em 4 de outubro de 1779, e faleceu em Turpinière, departamento de Loiret, França, em 1853). (KURY, 2003; LAMY, 2016). Desde jovem mostrou interesse por botânica, tendo frequentado aulas com os renomados professores Antonie-Laurent de Jussieu e René-Louiche Desfontaines, ambos pesquisadores do *Muséum National D’Histoire Naturelle* de Paris, integrando-se às atividades acadêmicas desenvolvidas por Louis-Claude Richard “professor de ciências médicas e de botânica na escola de medicina de Paris”. (LAMY, 2016, p. 418). Foi “na sua região natal, nas redondezas de Orleans, que Saint-Hilaire iniciou os estudos botânicos” e a escrita de sua primeira obra dedicada à flora e elaborada a partir de pesquisas nos arredores do departamento de Loiret, França. (SARTHOU *et al*, 2016, p. 155).

3 Não localizamos menções a essa participação (como militar) nem pelo viajante e nem de outros pesquisadores que analisam o período.

4 Apesar de a obra ter sido publicada em 1839, ela começou a circular no Brasil somente em 1840. Vale lembrar que Dreys queixou-se dos elevados custos de produção tipográfica e das políticas editoriais do mercado brasileiro, razão pela qual recorreu ao mercado editorial europeu.

A expedição ao Brasil se iniciou em Brest, em abril de 1816, quando Saint-Hilaire, então com 37 anos, embarcou na fragata *L'Hermione*, rumo ao Brasil. A viagem estava vinculada àquilo que Romano descreve como “o grande projeto do *Muséum*”, que colocou Paris em evidência no âmbito das ciências naturais, transformando-a na capital mundial dos conhecimentos naturalistas, quanto também de “regimes políticos”. (ROMANO, 2016, p. 26). Acompanhado do zoólogo Pierre Antonie Delalande e do décimo primeiro Duque de Luxemburgo, Charles Emmanuel Sigismond de Montmorency-Luxembourg, embaixador da França, Saint-Hilaire desembarcou no porto da cidade do Rio de Janeiro, em junho de 1816.⁵ Vale lembrar que estas iniciativas se deram “na esteira da queda do império napoleônico e da recomposição da ordem internacional traçada pelos tratados de Viena”, enquanto Portugal, certamente, convivia com as tomadas de consciências coloniais, inspiradas na Revolução Francesa, dentro do próprio Império Português. (LEITE, 1996, p. 64; ROMANO, 2016, p.26).

No Brasil, o botânico francês realizou cinco grandes viagens, durante as quais fez preciosas coleções, especialmente de plantas e animais, se dedicando não apenas às Ciências Naturais, mas, também, a aspectos da História, da Geografia e da Etnografia. A viagem ao Rio Grande do Sul ocorreu entre 1820 e 1821. Sua chegada se deu por Torres, no litoral norte, em 05 de junho de 1820, tendo percorrido diversas localidades antes de seguir para a Província Cisplatina. O retorno ao Rio Grande do Sul ocorreu em 27 de janeiro de 1821, sendo que em meados de maio de 1821 deixou a província pelo porto de Rio Grande.

A partir de setembro de 1822, já morando em Paris, dedicou-se, inicialmente, aos estudos dos materiais coletados durante os seis anos em que esteve no Brasil. Em agosto de 1823 defendeu a tese de doutorado na Faculdade de Ciências de Paris, com o trabalho intitulado “*Voyage dans l'intérieur du Brésil, la province Cisplatine et les missions dit de Paraguay*”. (LAMY, 2016, p. 418). A obra *Voyage à Rio Grande do Sul (Brésil)* foi publicada, originalmente, em 1887, pela editora H. Herluison Libraire-Éditeur. Dos vinte e oito capítulos, o autor dedica os primeiros à sua chegada ao Rio Grande do Sul e à província Cisplatina. A tradução brasileira da obra *Viagem ao Rio Grande do Sul*, publicada em 1939, e a reedição, de 1974, está organizada em quatorze capítulos. Ao analisá-la, observamos que foram omitidos⁶ os textos referentes à Província Cisplatina (atual Uruguai), razão pela qual do quinto capítulo, a narrativa passa, em seguida, para o décimo quarto. Os capítulos referentes às suas observações sobre as províncias do Rio de Janeiro, de São Paulo e

5 Saint-Hilaire viajou ao Brasil “acompanhando a missão extraordinária do duque de Luxemburgo, cujo objetivo era resolver o conflito que opunha Portugal e França quanto à posse legítima da Guiana”. (FLECK, 2006, p. 297).

6 Como destacado por Roger Chartier as intervenções editoriais se realizam não apenas “na ortografia, na grafia ou na pontuação do texto”, mas também, nas traduções, “nas escolhas feitas em razão dos públicos visados e que comandam as decisões quanto ao formato, ao papel, aos caracteres, à presença ou não de ilustrações”. Essas intervenções, segundo o autor, podem modificar a apresentação do livro, multiplicar ou fragmentar capítulos, alterar o número de parágrafos de modo a encurtar textos, informações e episódios que, para os editores são considerados inúteis. (CHARTIER, 1999, p. 68).

Minas Gerais, em 1822, foram publicados em outra obra divulgada pela editora Companhia Nacional, em 1932.

O viajante suíço Carl Friedrich Gustav Seidler chegou ao Brasil nos primeiros meses de 1826. Durante sua estada na capital do Império, o viajante dedicou-se a observar a política imperial, a natureza, o clima, a população, os costumes, a agricultura e as doenças mais frequentes da capital do Império. Com o passar de alguns dias, preocupado com sua manutenção no Rio de Janeiro, encaminhou requerimento ao Imperador e, “no caso deste não me conceder prontamente o emprego, [devo] regressar sem demora à Europa”. (SEIDLER, 1980, p. 83).

Dias depois, Seidler seria integrado ao exército de Dom Pedro I, no 27º Batalhão de Caçadores.⁷ Em novembro de 1826 “apareceu a ordem de embarcar imediatamente para o Rio Grande o 27º Batalhão, com os lanceiros, devendo reunir-se ao exército lá constituído sob o comando do General Rosado”.⁸ Durante os dois anos em que percorreu a província do Rio Grande do Sul, além de participar da guerra Cisplatina e da Batalha do Passo do Rosário, Seidler passou por diversas cidades e fez inúmeros apontamentos. Finalizados os embates, retornou para a capital da província, percorrendo o litoral norte até alcançar a margem do rio Mampituba, que divide o estado do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, de onde seguiu para o Rio de Janeiro, e, mais tarde, definitivamente, para a Europa.

Após seu retorno à Europa,⁹ o viajante escreveu duas obras sobre o Brasil. A primeira intitulada “*Zehn Jahre in Brasilien während der Regierung Dom Pedro's und nach dessen Entthronung: Mit besonderer Hinsicht auf das Schicksal der ausländischen Truppen und der deutschen Colonisten*”, publicada em 1835, em dois volumes, pela editora G. Basse, em Leipzig. (BARRETO, 1976, p. 1251-1252). No Brasil, o livro intitulado “*Dez anos no Brasil*” foi publicado em 1941, em São Paulo, pela Editora e Livraria Martins. Esta obra foi republicada em 1980, a partir de uma parceria da editora Itatiaia com a editora da Universidade de São Paulo, na coleção intitulada *Reconquista do Brasil*, dirigida por Mário Guimarães Ferri, da Universidade de São Paulo.

Robert Christian Berthold Avé-Lallemant nasceu em 25 de julho de 1812, em Lübeck, na Alemanha. Anos mais tarde, em 1833, iniciou os estudos de Medicina em Berlim, 7 Entretanto, considera-se relevante destacar que, de acordo com professor de História Militar Coronel F. de Paula Cidade, responsável pela introdução e notas na obra do viajante, ele “[...] não figura nas relações de mostra, organizadas no Passo de S. Lourenço, após a retirada de fevereiro de 1827, nem como oficial nem como sargento ou soldado. (SEIDLER, 1980, p. 86).

8 Possivelmente, o General Rosado, a quem Seidler se refere, seja o Brigadeiro Francisco de Paula Massena Rosado que, mais tarde, foi substituído pelo Visconde de Barbacena, em decorrência de seus inúmeros erros táticos na Guerra da Cisplatina. (SEIDLER, 1980, p. 87).

9 Conforme as informações do Banco de Viajantes, Seidler retornou para a Europa no ano de 1833. No entanto, essa informação não foi localizada em seu relato de viagem. Podemos, em razão disso, acreditar que Seidler permaneceu no Brasil por mais alguns anos após a abdicação de Dom Pedro I ao trono. Tal fato fica perceptível quando o viajante traz informações sobre José Bonifácio de Andrada, tutor de Dom Pedro II, e sobre o enfrentamento com um homem que se intitulava “Barão von Bülow”, que, depois, soube que “não era barão, mas descendente duma família muito ordinária de Hannover, e tinha por verdadeiro nome de Hoiser”, ou seja, “Augusto Hugo Auf Hoiser”. Esse episódio realmente aconteceu, sendo que Hoiser foi preso em 1833, condenado à prisão, e, em 1834 teve a pena comutada e foi banido do Império. (BASILE, 2004, p. 259-298).

posteriormente, em Heidelberg e Paris e, por fim, na Universidade de Kiel, na Alemanha, onde se formou, em 1837. (HANTZSCH, 1902, p. 144). Logo após a conclusão dos estudos de Medicina, ele decidiu viajar para o Brasil, onde, segundo Hantzsch, viviam dois de seus irmãos, sendo que um deles era pastor luterano,¹⁰ e, o outro, comerciante.

Avé-Lallemant esteve no Brasil em dois períodos distintos. O primeiro compreendeu dezessete anos ininterruptos, entre 1837 e 1855. Nesse período, o médico viajante juntou-se ao corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia do estado do Rio de Janeiro. O segundo momento ocorreu quando Robert sentiu-se atraído pela notícia de uma “grandiosa expedição de circunavegação” que estava estampada em todos os jornais alemães de 1857. (AVÉ-LALLEMANT, 1980). Foi então que o médico aventureiro resolveu engajar-se na expedição de circunavegação da real e imperial fragata austríaca Novara.¹¹

A chegada da expedição ao Rio de Janeiro, em 5 de agosto de 1857, não significou apenas mais uma parada estratégica da expedição, mas o fim da participação de Robert Avé-Lallemant, que, alegando motivos pessoais, pediu demissão. É possível supor que a saída tenha sido motivada por algum descontentamento quanto à sua posição a bordo do Novara. Essa frustração, aliás, fica perceptível no pequeno trecho de um poema escrito no livro de lembranças de um companheiro de viagem: “[...] *Drum hat gar oft mein freies Herz gebet Von Zorn und Hohn in unseres Kriegsschiffts Räumenn, Drum musste fort vom Bord ich ohne Säumen, Wo fast als Sklav ich Kümmerlich gelebt [...]*”.¹² Sabe-se que sua demissão, alguns meses depois, proporcionaria “[...] uma bela indenização para mim”, que possibilitou que empreendesse “uma viagem através das mais admiráveis províncias do Brasil. Ninguém talvez poderia empreendê-la com tanta facilidade, organizá-la com tanta segurança quanto eu”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 89).

A viagem para o Rio Grande do Sul se iniciou no dia 16 de fevereiro de 1858, por via fluvial, a bordo do paquete Imperatriz, da Companhia Brasileira de Navegação a Vapor, sendo que a chegada ao território sulino ocorreu no dia 22 de fevereiro, pelo porto de Rio Grande. Já a saída se deu no dia 22 de maio de 1858, quando Avé-Lallemant partiu para a província de Santa Catarina, de onde deu continuidade à sua viagem pelo interior do Brasil.¹³ O retorno definitivo para a Europa ocorreu em Pernambuco, no ano de 1859,

10 Acreditamos que Viktor Hantzsch esteja fazendo referência ao Pastor Frederico Avé-Lallemant, (Georg Friedrich Ludwig Avé-Lallemant), que celebrou no dia 29 de agosto de 1845, na Praça Koblenz, na cidade de Petrópolis – Rio de Janeiro, um culto para os recém-chegados colonos alemães. Na ocasião, além da celebração ecumênica, ocorreu a Santa Ceia, o casamento de oito casais e a bênção do cemitério Protestante de Petrópolis. COSTA, Márcio Simões. Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Petrópolis: 157 Anos de Nossa História - 1845 a 2002. 2002. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/petropolis-rj/157-anos-de-nossa-historia-1845-a-2002>. Acesso em: 22 jan. 2018.

11 A expedição durou de abril de 1857, tendo partido de Trieste – Itália, a agosto de 1859, quando retorna ao mesmo porto de partida. Mais informações sobre percurso da expedição podem ser verificadas no link que nos apresenta a história da fragata e da expedição “The Austrian Imperial Frigate SMS Novara - <https://www.uow.edu.au/~morgan/novara1.htm>, Michel Organ, 2007”.

12 “Por isso meu coração livre rezou até mesmo com frequência de indignação e escárnio nos compartimentos de nosso navio de guerra, por isso precisei desembarcar sem demora/sem hesitar, (de) onde vivi pobre, quase como escravo”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.77-78, tradução nossa).

13 Após sua passagem por Santa Catarina, o viajante seguiu viagem para Paraná e São Paulo, até regressar ao Rio

quando a bordo do vapor inglês Tyne, viajou para Lisboa e, posteriormente, para Lübeck. Barreto (1973, p. 83) observa que, com exceção de uma excursão ao Egito, “quando da abertura do canal de Suez”, o viajante se estabeleceu em sua terra natal após o retorno da América.

Da sistematização dessas observações e registros, Avé-Lallemant publicou, pela editora F.A Brockhaus, de Leipzig, as obras *Reise durch Sud-Brasilien im jahre: 1858* e *Reise durch Nord-Brasilien im jahre: 1859*,¹⁴ nos anos de 1859¹⁵ e 1860 respectivamente. A primeira obra foi organizada em dois tomos. O primeiro apresenta as observações da viagem pela província do Rio Grande do Sul, enquanto o segundo é dedicado às experiências e observações realizadas durante as viagens às províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. *Reise durch Sud-Brasilien* foi publicada no Brasil somente no ano de 1953, isto é, aproximadamente 94 anos após a publicação na Alemanha. Sob o título de *Viagem pelo Sul do Brasil*, os relatos de viagem foram publicados em dois volumes, pelo Instituto Nacional do Livro – INL, no Rio de Janeiro, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura – MEC, no ano de 1859.

No período que se estende de 1817 a 1858, Nicolau Dreys, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Seidler e Robert Avé-Lallemant percorreram diversas regiões do atual Rio Grande do Sul, descrevendo sua fauna e flora, vida social e política, costumes e práticas alimentares. Suas obras, além de terem atraído a atenção de leitores ávidos pelo exótico e desejosos de conhecer os costumes de outros povos, contribuem significativamente para a reconstituição das práticas sociais da população sul-rio-grandense das primeiras décadas do Oitocentos como procuramos demonstrar no próximo tópico.

ALIMENTAÇÃO E HOSPITALIDADE NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA

A noção de hospitalidade permeia elementos relacionados à sociabilidade e à boa convivência, relacionando-se com o ato de abrigar, de alimentar, de deslocar, contribuindo para o estreitamento das relações com a cultura e a sociedade visitada, conforme destaca Grinover (2007). O objetivo principal da hospitalidade “é estabelecer um relacionamento ou promover um relacionamento já estabelecido”; esse contato transforma “estranho em conhecido, inimigos em amigos, amigos em melhores amigos, forasteiros em pessoas íntimas, não parentes em parentes”, revelando afinidades próximas com o seu oposto. de Janeiro, em 2 de outubro de 1858. Em novembro daquele ano, deu início à segunda etapa da sua jornada, dessa vez em direção às províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Não fica evidente quando se deu seu retorno à Alemanha, pois a obra que versa sobre as viagens pela região Nordeste se encerra quando o viajante, ainda na província de Pernambuco, recebeu, com grande tristeza, a notícia do falecimento de seu amigo Alexandre Von Humboldt. 14 No Prefácio do segundo volume, escrito em 1860, o viajante refere e lamenta os erros constatados na ligeira leitura que havia feito da obra *Viagem pelo Sul do Brasil*: “a circunstância de não ter podido fazer pessoalmente a revisão da minha *Viagem pelo Sul do Brasil* e, graças à minha péssima caligrafia, muitos nomes de história natural e geográficos não terem sido lidos com exatidão, foram a causa dos muitos erros no respectivo texto [...]”. 15 Aqui é preciso fazer uma pequena correção de uma informação que consta na obra de Barreto. No verbete sobre o biobibliografia do viajante, Barreto informa que a publicação da primeira obra resultante das viagens pelo Sul do Brasil ocorreu em 1858, ano em que o viajante ainda se encontrava em território brasileiro.

(SELWYN, 2004, p. 26-27).

De acordo com Lashley (2004, p. 10), as atividades de acolhimento, generosidade e bem receber, associadas aos alimentos, revelam-se fundamentais para o estabelecimento das práticas hospitalares. Esse hábito, que se inicia a partir da recepção e do acolhimento do visitante, do gesto de ofertar uma bebida e alimentação, torna-se a expressão mais importante e mais imediata do comer e do bem receber. A comida, portanto, também deve ser percebida como uma forma universal de expressão de sociabilidade e hospitalidade. Os atos de abrigar e de alimentar constituem-se expressão universal de sociabilidade e hospitalidade, na medida em que a proximidade e/ou o estreitamento das relações sociais entre as pessoas são expressos através dos alimentos e refeições que fazem em conjunto. É importante considerar, ainda, que os alimentos geralmente figuram entre as formas e os sentimentos pessoais importantes na vida do grupo. (CONTRERAS; GRACIA, 2011).

Não se sabe ao certo quando os alimentos e as práticas alimentares se transformaram em prazeres à mesa, mas pode-se afirmar que comemos conforme as normas e padrões determinados em uma sociedade. Essas normatizações que regulamentam a distribuição dos alimentos dentro de um núcleo social simbolizam e orientam as prescrições éticas e morais que devem ser observadas e seguidas em tal sociedade. A prática do compartilhamento de comida com outros indivíduos, segundo Contreras e Gracia (2011, p. 195), revela certo grau de compatibilidade e de aceitação, uma vez que “a comida é oferecida como um gesto de amizade, e quanto mais elaborada for, maior é a intimidade que expressa ou maior é o grau de estima ou também de interesse”.

Nesse tópico, analisamos as demonstrações de hospitalidade observadas por Nicolau Dreys, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Seidler e Robert Avé-Lallemant durante suas incursões pelo Rio Grande do Sul no século XIX, lembrando que elas foram registradas pelos quatro viajantes e que ganharam notoriedade, principalmente, a partir da ausência de estabelecimentos de hospedagem. As dificuldades para encontrar locais para pouso, de acordo com Leila Algranti (1997, p. 93), decorriam das grandes distâncias e do reduzido povoamento de algumas regiões percorridas pelos viajantes, transformando “a hospitalidade numa característica e necessidade do mundo colonial brasileiro”. Isso obrigava os viajantes a buscarem acolhida em residências particulares, nas quais pernoitavam, realizavam refeições e compartilhavam momentos de intimidade com a família visitada.

As narrativas que analisamos nos ofereceram significativas informações sobre como se dava o acolhimento dos visitantes, e que envolviam mais do que a hospedagem e a alimentação, na medida em que se estendia aos cuidados com os animais de montaria e carga: “em toda a parte é costume dar alimento e emprestar cavalos aos viajantes”, afirmou Saint-Hilaire (1999, p. 94).

Dentre os viajantes selecionados, Auguste de Saint-Hilaire foi quem mais forneceu informações sobre a prática do bem receber da sociedade sulina. Isso, no entanto, não significa que as recepções fossem sempre cordiais e generosas, pois em algumas

situações ele se viu obrigado a apresentar cartas de recomendação, nas quais deveriam estar informados os objetivos de sua viagem por aquela região.

Já Nicolau Dreys relaciona as demonstrações de hospitalidade da população com a fertilidade dos solos da Província, que contribuía para a produção de gêneros alimentícios e, conseqüentemente, para sua generosa oferta aos hóspedes. Carl Seidler (1980, p. 98) corrobora essa percepção ao afirmar que

o viajante pode confiadamente parar e bater à primeira porta que encontrar, seja de casa rica ou pobre: logo há de aparecer alguém que perguntará pelo que deseja, e em geral, o próprio dono da casa não cede essa honra. Dito o desejo, vem em poucas palavras o convite para apeiar e entrar, um negro desencilha o cavalo e o toca para um pasto bem cercado.

Ainda de acordo com Seidler (1980, p. 98), essa hospitalidade seria “[...] a maior de suas virtudes, sem ela seriam certamente bárbaros”, uma percepção que revela que o viajante teceu sua apreciação levando em conta as práticas sociais próprias de uma sociedade europeia urbanizada e que definiam o que era considerado civilizado ou bárbaro, conforme já evidenciamos no tópico anterior quando tratamos das normatizações e condutas à mesa a partir do proposto por Norbert Elias (1994). Também o médico viajante Robert Avé-Lallemant (1980) destacou as formas do bem receber durante a viagem que realizou pelas regiões da Província sulina. Nos registros que fez, fica evidenciada a associação que o médico estabeleceu entre a prática do bem receber e a oferta de alimentos.

De acordo com as narrativas dos quatro viajantes selecionados, após a chegada à residência e à apresentação de suas credenciais, eram-lhes, costumeiramente, oferecidas bebidas como água, leite, café e mate/chimarrão,¹⁶ o que se configurava em uma primeira etapa da recepção e do estabelecimento de laços entre aquele que acolhia e o visitante. Para Contreras e Gracia (2011), nos lares europeus era prática comum o oferecimento de alimento e/ou bebida, com destaque para as massas doces e os vinhos doces ou licores. Já a recusa de “alimentos quando esses são oferecidos pode ser considerada uma recusa à amizade”. (CONTRERAS; GRACIA, 2011, p. 196), podendo comprometer, em certa medida, o estreitamento das relações.

A comida e a bebida são, pois, um presente de aceitação universal, em todas as culturas e em todas as classes sociais. Por meio do presente de comida pode ser expressa uma enorme variedade de relações e de emoções: parentesco, compromisso e gratidão. (CONTRERAS; GRACIA, 2011, p. 196).

Ao descrever sua chegada em uma fazenda nos arredores de Bagé, Carl Seidler (1980, p. 155) destacou a cortesia do proprietário, pois logo “[...] fomos convidados pelo dono da casa a entrar na sala de estar e fartamente servidos do que pediríamos”. Ele voltaria a se referir à amabilidade dos sul-rio-grandenses, ao destacar a recepção que teve

¹⁶ Sob a designação de *Ilex paraguariensis* St. Hil., a planta foi registrada no catálogo do Muséum National D'histoire Naturelle, em Paris. (ECKERT, 2011).

de uma proprietária nos arredores de Pelotas, a quem havia pedido, com polidez, água para beber, tendo sido convidado a ingressar na residência: “água e fogo pode-se pedir em todo o Brasil em qualquer casa, sem jamais temer uma recusa [...]”. (SEIDLER, 1980, p. 155).

O consumo do café foi descrito apenas uma vez e por Avé-Lallemant, quando este percorria a região de Alegrete. Na ocasião, após ter seu pedido de pernoite recusado, registrou:

o que, em minha viagem, me acontecia pela primeira vez; e tivemos de prosseguir [...]. Atravessamos um riacho e chegamos a uma pequena propriedade, onde um homem amável nos levou a um quarto de hóspedes. Pude vestir roupa enxuta e aqueci-me com delicioso café. O lugar chamava-se Tapevi e meu bom hóspede Antônio do Prado. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 320).

Sobre o consumo de mate/chimarrão, Saint-Hilaire e Avé-Lallemant foram os viajantes que mais vezes se referiram a essa prática de acolhimento aos visitantes. O segundo, em certo momento de sua narrativa, destacou o estranhamento [e a observação mútua] que caracterizava os primeiros contatos entre os moradores e o visitante:

Um viajante europeu é sempre ali, no primeiro momento, alguma coisa estranha; todos ficam embaraçados diante dele. Mas logo que ele fala algumas palavras na língua do país e se comporta com simplicidade e decência, desaparece imediatamente o constrangimento; em menos de um minuto tem-se na boca o símbolo da paz, da concórdia, do completo entendimento - o mate! (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 207).

Na obra de Dreys, os registros de hospitalidade estão, na maioria das vezes, associados ao comércio e à exportação. Em alguns momentos, é possível perceber que o viajante descreve o mate como um estimulante e facilitador do processo digestivo: “facilita a digestão com a erva-mate de que usam incessantemente”. (DREYS, 1990, p. 130). A bebida foi também descrita por Saint-Hilaire,

o nome de mate é propriamente o da pequena cabaça onde ele é servido, mas dão-no também à bebida ou quantidade do infuso contido na cabaça: assim diz-se ter tomado dois ou três mates quando se tem esvaziado a cuia duas ou três vezes. Quanto à planta que fornece essa bebida denominam-na erva-mate ou simplesmente erva. A cuia tem a capacidade de mais ou menos um copo; e é cheia de erva até à metade, completando-se o resto com água quente. Quando o mate é de boa qualidade pode-se escaldá-lo até 10 ou 12 vezes para renovar a erva. Conhece-se que esta perdeu sua força e que é necessário trocá-la quando ao derramar sobre ela a água fervente não se forma espuma à superfície. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 83).

Assunção, Arnoni e Machado Júnior (2017, p. 34) destacam que o nome da infusão, “*cimarrón*” – chimarrão, foi atribuído pelos “colonizadores do Rio da Prata e que depois se difundiu para os demais territórios”. No estado do Rio Grande do Sul, os primeiros ervais

foram estabelecidos na região dos Sete Povos das Missões, sendo que, com o cultivo da erva-mate na região das reduções, esses “povos passaram a viver um período de grande opulência, chegando ao ponto de produzirem um tipo único de erva, sem paus, que valia três vezes mais do que a produzida no Paraguai”. (ASSUNÇÃO, ARNONI, MACHADO JÚNIOR, 2017, p. 34).

Por sua formação em Botânica, Saint-Hilaire é quem nos fornece mais informações sobre a planta, seu cultivo e beneficiamento, bem como sobre suas virtudes medicinais e uso pela população. Segundo o viajante naturalista, “a primeira vez que provei essa bebida achei-a muito sem graça, mas logo me acostumei a ela e atualmente tomo vários mates, de enfiada, com prazer, até mesmo sem açúcar [...]”. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 83). Há, portanto, um estranhamento inicial, uma resistência, ao que parece, ao amargor característico da bebida, que, na sequência, é qualificado como não desagradável. Em seguida, ele refere que o consumo do mate se dava “até mesmo sem açúcar”, sendo que “os verdadeiros viciados do mate tomam-no sem açúcar e então tem-se o chamado chimarrão”. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 83).

O consumo do mate/chimarrão não se limita aos seus benefícios para a saúde. A elaboração do mate/chimarrão é praticamente um ritual, que se inicia com o preparo dos instrumentos para a feitura da bebida (bomba e cuia), desenrola-se ao beber e compartilhar a bebida, criando rituais simbólicos e sociais que se estendem até a última gota de água na chaleira. Quanto ao consumo da infusão, Saint-Hilaire (1999, p. 83) informa que “[...] toma-se ao levantar da cama e depois várias vezes ao dia. A chaleira de água quente está sempre ao fogo e logo que um estranho entra na casa, se lhe oferece o mate”.

Ao descrever sua estada na Estância Jerebatuba, nas proximidades do atual município de Santa Vitória do Palmar, na região sul do estado, o viajante narra que o consumo da bebida era, também, usual entre os demais viajantes que, ao percorrermos a região, paravam nas residências, tomavam alguns mates, agradeciam e seguiam viagem:

após o jantar diversos viajantes passaram pela estância [Jerebatuba]; serviram sê-lhes mates, eles tornaram a montar, seguindo viagem sem ter dito nada. Os viajantes têm nesta região o costume de apeiar em todas as casas que encontram, para pedir mate. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 89).

Essa associação entre o consumo do mate/chimarrão e a hospitalidade remonta ao século XVI, sendo que o primeiro registro que se tem data de 1554, quando o General Domingo Martínez de Irala, Governador do Rio da Prata, ao realizar uma expedição à Província Del Guairá, atual Estado do Paraná, encontra-se com uma “tribo guarani que o recebe com alegria e hospitalidade”, oferecendo-lhe uma “bebida feita com folhas fermentadas, depositadas em um porongo e sugadas por um canudo de taquara, que recebia um paciente trançado de fibras o qual impedia a ingestão da folha”. (ASSUNÇÃO; ARNONI; MACHADO JÚNIOR, 2017, p. 32). Como se pode constatar, de “erva do demônio” a negócio rentável, o chimarrão passou a ser reconhecido e elevado à

categoria de patrimônio cultural (JUNGBLUT, 2008).

Os registros feitos pelos viajantes sobre o consumo dessa bebida nos permitem identificar não apenas quais eram as regiões de produção e de consumo da erva-mate no século XIX registrados nessas fontes, mas, também, avaliar a importância do oferecimento do mate/chimarrão para a construção da representação da sociedade sulina como hospitaleira¹⁷. A propósito dessa constatação, vale lembrar a relevância de certas práticas para a conformação do que definimos como sociabilidade, entendida como

um processo interativo em que os indivíduos escolhem formas de comunicação, de intercâmbio, ligando-os uns aos outros. Eles podem então exibir uma vontade de reprodução social ao concordar em aceitar ser um único objeto ou produto da socialidade, ou desenvolver dinâmicas criativas através de inter-relações que procuram provocar. (CORBEAU, 1997, p. 69).

A sociabilidade é representada pela maneira como os indivíduos que estão em interação irão, em determinado contexto, colocar em prática as regras impostas pela socialidade¹⁸ sendo que, de acordo com Poulain (2004, p. 204), “ela acentua a dimensão criadora dos indivíduos e é a partir das diferenças entre socialidade e sociabilidade que as práticas sociais evoluem, se transformam”. Esses sistemas normativos que regulam a distribuição de alimentos e as práticas alimentares no interior de um grupo social representam e reforçam convenções éticas e morais fundamentais em uma dada sociedade. Da Matta (2004, p. 34) afirma que é na mesa que podemos reunir, além de aromas e sabores, “liberdade, respeito e satisfação, permitindo orquestrar as diferenças”. Sobre esse aspecto, Moreira (2010, p. 23) observa que a mesa sempre foi um importante elemento de agregação familiar, pois “no século XIX, o comer representava um dos grandes momentos da vida familiar, e o ritual da refeição implicava na reunião de toda a família na sala de jantar à volta da mesa”, momento que harmonizava e fortalecia vínculos e estabilizava estruturas de convívio.

No que se refere aos rituais do comer e do bem receber, Nicolau Dreys observou que era muito comum que, à porta da charqueada ou da estância, houvesse um sino, pois

é uso tocar-se às horas da comida: serve ele para avisar o viajante vagando pelos campos ou o desvalido da vizinhança que pode se chegar à mesa do dono, que está se aprontando; e, com efeito assenta-se quem quer a essa mesa da hospitalidade. (DREYS, 1990, p. 113).

17 Pode-se supor que o silêncio narrativo de Seidler sobre o consumo do mate/chimarrão decorra do fato de não ter apreciado a bebida, acompanhando a percepção de Dreys (1990, p. 130-131) que a definiu como “sumamente amarga e mesmo nauseabunda para as pessoas que não estão muito acostumadas com ela”.

18 “[...] a socialidade representa seu status de ‘produto’ culturalmente por formas de socialização distintas, estatuto que registra em trajetórias plurais que podem ser objetivadas, envolvendo-as em hierarquias e ordens, às vezes arriscando a jogar como determinismo real. Em suma, a sociabilidade expressa os fatores que moldam – sem o nosso conhecimento – nossa posição social e originalidade dentro de uma população segmentada”. (CORBEAU, 1997, p. 69, tradução nossa).

Avé-Lallemant, que percorreu a Província durante alguns meses no ano de 1858, destacou a prática da comensalidade e da hospitalidade, informando que “tinham me convidado para o almoço, eu fora seu hóspede, exatamente como qualquer viajante que aparece na hora da refeição”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 127). Esse registro nos leva a refletir sobre a noção de comensalidade, que implica na partilha da refeição e na ação de “comer junto” na mesma mesa:

é pela cozinha e pelas maneiras à mesa que se produzem as aprendizagens sociais mais fundamentais e que uma sociedade transmite e permite a interiorização de seus valores. A alimentação é uma das formas de se tecer e se manter os vínculos sociais. (POULAIN, 2004, p. 182).

Já o alemão Seidler (1980, p. 154), que esteve na Província devido à sua participação nos conflitos da Guerra da Cisplatina, afirmou que “nenhum cidadão brasileiro tem o dever de alojar um militar por mais de três dias e absolutamente não é obrigado a alimentar seu hóspede, que fica à mercê de sua boa vontade”. A esse respeito, esclarece, ainda, que “o dono da casa só tem que oferecer sal e lenha”, cabendo aos soldados o preparo de sua comida. No entanto, “para a glória dos moradores da província de São Pedro do Sul, posso consignar que raramente faziam uso desse direito e em regra espontaneamente davam de tudo quanto sua cozinha e dispensa possuíssem”. (SEIDLER, 1980, p. 154).

Saint-Hilaire corrobora as informações dadas por Seidler, ao informar que, ao chegar em uma estância localizada na região onde ocorriam os conflitos, precisou aguardar pela saída dos militares, para, então, ser recebido com hospitalidade pelo proprietário, que lhe serviu “pão e vinho, e mandou-me preparar um bom leite”. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 82).

As narrativas dos viajantes também nos fornecem informações sobre os alimentos que eram consumidos pelas famílias e aqueles que eram oferecidos aos viajantes que eram alojados nas residências ou convidados a participar das refeições. Dentre os alimentos mencionados, estão pães, biscoitos, farinha de mandioca, pratos à base de carne, feijão, arroz, abóbora e frutas da estação. As carnes variavam de acordo com a região e a condição social da família, sendo que se destacavam a bovina, a ovina, a suína e a de aves (de suínos e galinhas, sobretudo após o estabelecimento dos núcleos de colonização alemã). Se, cotidianamente, a carne bovina era consumida salgada e seca ao sol, em ocasiões especiais, tais como aniversários, Natal, Páscoa ou recepção a um visitante, ela era consumida fresca, o que parece apontar para uma preocupação do anfitrião em oferecer um alimento de qualidade.

Apesar de os alimentos oferecidos nas refeições não estarem sempre descritos, em uma parcela significativa dos registros, os viajantes não descuidam de qualificar – em tom elogioso – a forma como foram recebidos pelos anfitriões: “hospedou-nos tão bem quanto possível à moda brasileira; nem faltou um esplêndido cálice de vinho do porto, raridade aqui no interior do país”. (SEIDLER, 1980, p. 225). Vale ainda mencionar às várias passagens que encontramos na obra de Saint-Hilaire (1999, p. 25; 49; 52), nas quais ele informa que:

“mandou-me preparar uma boa ceia”; “tendo nos preparado um excelente jantar”; “Fomos recebidos em um belo salão, em seguida levados para uma sala de refeições onde nos foi servido um ótimo jantar”. Também Avé-Lallemant, ao percorrer a região de Caçapava, revela todo o cuidado da anfitriã ao recebê-lo, pois, segundo ele, “a boa senhora da casinha de barro trouxe queijo e leite, enquanto a filha assava espigas de milho; ambas, porém, se envergonhavam de oferecer almoço tão comum”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 333).

Os viajantes relataram, também, a preocupação do anfitrião em oferecer alimentos – como carne fresca ou uma manta de carne seca/charque, aves e pão – que pudessem ser consumidos na continuidade da viagem. Isso fica evidente em uma passagem extraída do livro de Seidler (1980, p. 98), na qual ele informa que, antes de seguir viagem, o viajante “certamente não poderá partir sem primeiro tomar um valente almoço”, sendo que a hospedagem jamais deveria ser, independentemente da condição da família anfitriã, acompanhada da oferta de pagamento.

Na obra de Avé-Lallemant (1980, p. 333) também encontramos registrada a prática de oferta de alimentos ao viajante que seguiria viagem: “Os bons camponeses rio-grandenses, quando lhes chega um viajante, não o deixam sair sem o obsequiarem, mesmo quando só têm insignificâncias a oferecer-lhe”. Seidler (1980, p. 99), por sua vez, acrescenta ainda que “depois do cerimonial de uso, segue-se o convite para aparecer novamente algum dia se tornar a cruzar por ali. Mesmo ao pior inimigo essa gente nunca recusa um pouco de comida, por mais demorado que seja”. De acordo com Avé-Lallemant (1980, p. 127), havia apenas o pagamento da alimentação destinada aos animais ou “o vinho, a cerveja, etc., não o que se come no almoço” nas regiões pouco habitadas.

Como pudemos constatar nos registros feitos pelos viajantes, a oferta de alimentos pelos anfitriões era uma demonstração de hospitalidade, sendo que esses cuidados com o visitante podem estar relacionados como a percepção da “importância que a hospitalidade desempenha, em especial a partilha e concessão de alimentos, na reprodução e no reforço dos relacionamentos sociais entre os grupos”. (LASHLEY, 2004, p. 10). Ao destacarem a generosidade¹⁹ envolvida no “bem receber”, essas narrativas favoreceram a construção de uma representação positiva dessas práticas e dos próprios sul-rio-grandenses.

A análise que fizemos das demonstrações de hospitalidade que os viajantes europeus observaram durante suas incursões pelo território da então província do Rio Grande do Sul possibilitou a reconstituição das mais variadas formas de acolhimento empregadas pelos sul-rio-grandenses, as quais não se restringiram aos cuidados com a alimentação e a hospedagem do viajante, estendendo-se também aos seus companheiros de jornada e aos animais de montaria e carga.

Pôde-se constatar que os autores das quatro obras analisadas – dois franceses

19 Muito provavelmente, essa generosidade percebida e destacada pelos viajantes possa estar relacionada com a consciência cristã decorrente dos valores e princípios introduzidos pelos missionários jesuítas durante o período colonial e reforçados pelos padres seculares, sendo que a solidariedade e a caridade eram concebidas como “veículo transformador do destino dos cristãos”. (FRANCO, 2011, p. 39).

e dois alemães – destacaram a hospitalidade, independentemente da condição social dos anfitriões, e a generosa oferta de alimentos, reforçando a estreita vinculação entre “o bem receber” e “o comer”. As formas de acolhimento promovidas pelos anfitriões – nas diferentes regiões da Província percorridas pelos viajantes – envolveram sempre situações de sociabilidade e comensalidade, oportunizando, também, momentos de convívio intercultural e, conseqüentemente, de trocas de experiências e impressões entre visitantes e visitados.

A despeito dos registros elogiosos, que exaltaram as virtudes, a generosidade e a hospitalidade dos sul-rio-grandenses, não se deve desconhecer que as representações sobre “o comer” e “o bem receber”, assim como aquelas formuladas sobre outras práticas sociais, estiveram relacionadas com a condição de europeus dos viajantes, o que os levou a exaltarem aquelas que mais se aproximavam das práticas próprias de uma sociedade urbanizada, menosprezando ou condenando aquelas que dela se distanciavam. No próximo tópico, apresentamos e analisamos os registros que trataram de aspectos como salubridade, saúde e alimentação presentes nas obras dos quatro viajantes que selecionamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras de Nicolau Dreys, Auguste Auguste de Saint-Hilaire, Carl Seidler e Robert Avé-Lallemant, que analisamos neste texto, fornecem aos pesquisadores da atualidade relevantes informações sobre as práticas sociais da população sul-rio-grandense das primeiras décadas do Oitocentos. As descrições nelas contidas nos revelam as percepções dos viajantes sobre várias dessas práticas, sendo que neste texto privilegiamos a análise das representações sobre o comer e o bem receber.

A análise que fizemos das demonstrações de hospitalidade que os viajantes europeus observaram durante suas incursões pelo território da então Província do Rio Grande do Sul possibilitou a reconstituição das mais variadas formas de acolhimento empregadas pelos sul-rio-grandenses, as quais não se restringiram aos cuidados com a alimentação e a hospedagem do viajante, estendendo-se também aos seus companheiros de jornada e aos animais de montaria e carga.

Pôde-se constatar que os autores das quatro obras analisadas – dois franceses e dois alemães – destacaram a hospitalidade, independentemente da condição social dos anfitriões, e a generosa oferta de alimentos, reforçando a estreita vinculação entre o *bem receber* e o *comer*. As formas de acolhimento promovidas pelos anfitriões – nas diferentes regiões da província que foram percorridas pelos viajantes – envolveram sempre situações de sociabilidade e comensalidade, oportunizando, também, momentos de convívio intercultural e, conseqüentemente, de trocas de experiências e impressões entre visitantes e visitados.

A despeito dos registros elogiosos, que exaltam as virtudes, a generosidade

e hospitalidade dos sul-rio-grandenses, não deve-se, contudo, desconhecer que as representações sobre o comer e o bem receber, assim como aquelas formuladas sobre outras práticas sociais, estiveram condicionadas à condição de europeus dos viajantes, que, por se perceberem como civilizados, exaltaram aquelas que mais se aproximavam das práticas próprias de uma sociedade urbanizada, menosprezando ou condenando aquelas que dela se distanciavam.

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan. *D. João VI: os bastidores da Independência*. São Paulo: Ática, 1993.

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil 1: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Cap. 3. p. 83-154. (História da vida privada no Brasil). Coordenador geral da coleção: Fernando A. Novais.

AMARAL, Marise Basso. *Histórias de viagem e a produção cultural da natureza: a paisagem do Rio Grande do Sul segundo os viajantes estrangeiros do século XIX*. 2003. 356 f. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, 2003.

ASSUNÇÃO, Alexandre Vergínio; ARNONI, Rafael Klumb; MACHADO JÚNIOR, Luiz Antônio Pereira. Uma cultura mutante: o chimarrão e seus artefatos analisados sob o viés do design vernacular e do imaginário. *Poliedro*, Pelotas, v. 1, n. 1, p.29-47, out. 2017. Disponível em: <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/poliedro/article/view/747/634>. Acesso em: 10 jan. 2019.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela província do Rio Grande do Sul: 1858*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

BARRETO, Abeillard. *Bibliografia Sul-Riograndense: A contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976.

BARRETO, Abeillard. *Bibliografia Sul-Riograndense: A contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973.

BASILE, Marcelo. Revoltas regenciais na Corte: o movimento de 17 de abril de 1832. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 11, n. 19, p.259-298, dez, 2004.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros, 1999.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.

CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. *Alimentação, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. Tradução de: Mayra Fonseca e Barbosa Atie Guidalli.

CORBEAU, Jean-pierre. Socialité, sociabilidade...sauce toujours! In: WESPIESER, Sabine; NYSSSEN, Hubert. *Cultures, Nourriture*. 7. ed. Paris: Babel - Maison Des Cultures Du Monde, 1997. p. 69-84. (International de L'imaginaire).

DA MATTA, Roberto. *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. 4. ed. Porto Alegre: Editora Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.

ECKERT, José Paulo. O povo dos herveas: entre o extrativismo e a colonização (Santa Cruz, 1850-1900). 2011. 187 p. (Dissertação de mestrado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unidade acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, 2011.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2 v. Volume 1.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. De terra de ninguém à terra de muitos – Olhares viajantes e imagens fundadoras (Do século XVII ao XIX). In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Org.). *Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 273-307. Cap. 14. V.1.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1990.

FRANCO, Renato. *Pobreza e caridade leiga: as Santas Casas de Misericórdia na América portuguesa*. 2011. 385 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25052012-133000/>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

GRINOVER, Lucio. *A hospitalidade, a cidade e o turismo*. São Paulo: Aleph, 2007.

HANTZSCH, Viktor. *Robert Christian Berthold Avé-Lallemant*. In: ALLGEMEINE Detsche Biographie. 46. ed. Leipzig: Verlag von Dunder & Humblot, 1902. p. 144-146.

JUNGBLUT, A. C. Mito e rito do chimarrão. Manifestação e simbologia religiosa da cultura. In: ROSA, A. (Org.). *O patrimônio imaterial do chimarrão: o chá da amizade*. Venâncio Aires: NUCVA, 2008. 1 DVD.
KURY, Lorelai Brilhante. Auguste de Saint-Hilaire: viajante exemplar. *Intellêctus*, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p.1-11, jun/dez. 2003.

LAMY, Denis. Auguste de Saint-Hilaire: Biobibliografia. In: LAMY, Denis; PIGNAL, Marc; SARTHOU, Corine; ROMANIUC-NETO, Sergio (Org.). *Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853): Um botânico francês no Brasil*. Paris: Muséum National D'histoire Naturelle, 2016. Cap. 8. p. 417-473.

LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (Org.). *Em busca da Hospitalidade: Perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri: Manole, 2004. Cap. 1. p. 1-24.

LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem: (1803-1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, Liana Bach. *A Geografia histórica de Porto Alegre através de três olhares: 1800-1850*. 239 f. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, 2008.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MÉRIAN, Jean-Yves. Contexto histórico, científico e artístico. In: LAMY, Denis; PIGNAL, Marc; SARTHOU, Corine; ROMANIUC-NETO, Sergio (Org.). *Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853): Um botânico francês no Brasil*. Paris: Muséum National D'histoire Naturelle, 2016. Apresentação. p. 30-58.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise Textual Discursiva*. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

MOREIRA, Sueli Aparecida. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 62, n. 4, p.23-26, outubro de 2010. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000400009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 de Jan.2019.

NOAL FILHO, Valter Antonio; FRANCO, Sérgio da Costa. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890*. Santa Maria: Anattera, 2004.

PÊRA, Silvio. A transferência da Corte portuguesa ao Brasil. In: AMARAL, Sonia Guarita do (Org.). *O Brasil como Império*. São Paulo: Companhia Nacional Editora, 2009. p. 16-37.

PICCOLI, Valéria. A presença dos viajantes europeus. In: AMARAL, Sonia Guarita do (Org.). *O Brasil como Império*. São Paulo: Companhia Nacional Editora, 2009. p. 58-85.

POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: UFSC, 2004.

ROMANO, Antonella. Plantas, paisagens, homens: Auguste de Saint-Hilaire, entre a França e Brasil. In: LAMY, Denis; PIGNAL, Marc; SARTHOU, Corine; ROMANIUC-NETO, Sergio (Org.). *Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853): Um botânico francês no Brasil*. Paris: Muséum National D'histoire Naturelle, 2016. Prefácio. p. 21-29.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

SARTHOU, Corine et al. Auguste de Saint-Hilaire: o botânico através de sua correspondência. In: LAMY, Denis; PIGNAL, Marc; SARTHOU, Corine; ROMANIUC-NETO, Sergio (Org.). *Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853): Um botânico Francês no Brasil*. Paris: Muséum National D'histoire Naturelle, 2016. Cap. 4. p. 147-206.

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte, MG; São Paulo, SP: Itatiaia: USP, 1980.

SELWYN, Tom. Uma antropologia da hospitalidade. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (Org.). *Em busca da Hospitalidade: Perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri: Manole, 2004. Cap. 2. p. 25-54.

ZUBARAN, Maria Angélica. Eurocentrismo do testemunho: relatos de viagem no Rio Grande do Sul no século XIX. *Anos 90*, Porto Alegre, v.12, n.3, p.17-33, dezembro, 1999.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África 5, 8, 3, 4, 8, 9, 56, 59, 60, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 182, 186, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 204, 227

Alimentação 9, 5, 98, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 202, 204, 210, 211, 216, 217, 218, 219, 221, 225, 230

Aprendizagem 7, 10, 11, 14, 16, 17, 21, 22

Árabes 193, 194, 195, 196, 197, 199

Avaliação 12, 13, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 48, 117, 165, 173, 177

B

BNCC 5, 7, 27, 30, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

C

Cibercultura 9, 158, 159

Comida 9, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 199, 201, 211, 212, 215, 216, 217, 225, 235

Cozinha 9, 184, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 216, 225

Criatividade 9, 19, 35, 158, 159, 160, 161, 162, 179

D

Desigualdades Sociais 8, 2, 96, 98, 99, 105

Disputa 5, 8, 43, 49, 57, 58, 76, 83, 85, 86, 117, 145

Diversidade Cultural 7, 1, 26

E

Ensino de História 5, 7, 1, 2, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 26, 27, 30, 34, 38, 39, 43, 55, 58, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 75, 114, 236

Epistemologia 9, 14, 164, 165, 168, 171, 180

Escravidão 7, 8, 59, 63, 65, 66, 67, 79, 80, 100, 104, 106, 137, 140, 182, 183, 191

F

Fontes 5, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 52, 57, 58, 79, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 107, 110, 111, 115, 116, 122, 123, 130, 132, 134, 135, 136, 142, 146, 149, 150, 165, 215

H

História 2, 5, 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 80, 82,

85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 120, 122, 123, 125, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 148, 149, 151, 157, 158, 163, 164, 165, 166, 169, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 180, 182, 184, 190, 192, 193, 199, 200, 201, 202, 204, 207, 208, 209, 210, 219, 220, 223, 224, 234, 235, 236

História da ciência 5, 9, 164, 165

Homogeneização 7, 56

Hospitalidade 9, 200, 202, 220, 222

I

Identidade 9, 3, 5, 6, 7, 8, 25, 27, 28, 38, 48, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 76, 77, 80, 81, 86, 87, 128, 131, 133, 136, 177, 192, 198, 199, 201, 225, 234

Imprensa 5, 8, 55, 58, 109, 111, 115, 116, 119, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 144, 146, 148, 149, 150

L

Literatura Generativa 9, 158, 162

M

Memória 5, 6, 7, 24, 26, 51, 52, 53, 54, 55, 64, 86, 107, 110, 112, 115, 122, 123, 124, 126, 133, 171, 172, 187, 196, 197, 198, 200, 229, 234, 236

Metodologia 13, 15, 24, 52, 54, 89, 94, 96, 99, 106, 170, 199, 202, 204, 236

N

Narrativas 5, 8, 9, 20, 27, 58, 59, 60, 65, 66, 76, 77, 83, 86, 92, 93, 126, 128, 201, 202, 204, 211, 212, 216, 217

P

PIBID 5, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9

Q

Questões étnico-raciais 5, 78, 82

R

Raça 5, 8, 8, 60, 64, 66, 74, 79, 80, 81, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106

Recife 76, 84, 85, 186, 223, 227, 229, 230, 232, 233, 234, 235

Relatos 9, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 142, 143, 165, 202, 204, 205, 210, 222, 223

RELATOS 8, 89, 92

Representação 7, 27, 54, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 69, 80, 91, 94, 96, 134, 180, 215, 217, 225

S

Sabores 9, 182, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 215

Século XIX 9, 87, 223

Sigilo 8, 150, 153, 156

T

Técnicas 9, 37, 45, 61, 79, 99, 160, 161, 171, 176, 177, 179, 180, 195, 196, 197

Tecnologia 5, 9, 51, 70, 153, 156, 158, 159, 167, 171, 172, 173, 174, 176, 177

Trabalho 9, 3, 5, 8, 11, 13, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 28, 29, 30, 32, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 52, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 74, 76, 77, 78, 83, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 109, 111, 116, 125, 126, 132, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 148, 154, 164, 165, 167, 168, 171, 172, 174, 176, 177, 180, 182, 183, 184, 187, 189, 190, 191, 193, 195, 199, 207, 224

W

Wakanda 8, 68, 69, 75

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3